

AS MULHERES

UM PROTESTO

POR

UMA MÃE

VENDE-SE A 15000 CADA EXEMPLAR

O producto da vendagem d'estes artigos, a principio escriptos para um jornal, está destinado a uma mulher honesta e enferma, bastante necessitada de auxilio: o que a authora, *de sua parte*, lhe presta com a sua penna, infelizmente mal aparada; restando ao respeitavel publico completar a obra de caridade...



BAHIA
TYPOGRAPHIA DO BAZAR 65
RUA DAS GRADES DE FERRO

1887



296

Le comte. Sais-tu bien qui je suis?

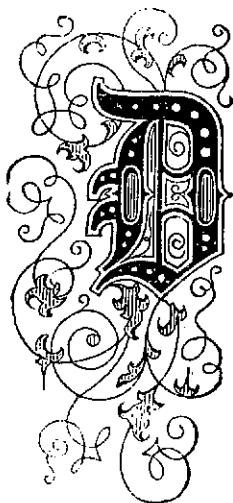
Don Rodrigue. Oui; tout autre que moi
Au seul bruit de ton nom pourrait trembler d'effroi.
Les palmes dont je vois ta tête si couverte
Semblent porter écrit le destin de ma perte.
J'attaque en téméraire un bras toujours vainqueur;
Mais j'aurai trop de force, ayant assez de cœur.
A qui venge *sa fille* il n'est rien impossible.
Ton bras est invaincu, mas non pas invincible.

(CORNEILLE. LE CID. ACTE II, SCÈNE II.

No ilustradissimo scriptor dos Macacos
ao sotão = do Garoto de Notícias do
Brasil, como prova de invenção apresenta
offere este opuscólio, pedindo afora, um
tempo que tanto a magnanimidade de
dar uma vinda, favoreavel, se foi possi-
vel, d' esti trabalho, afim de que os
estudos sem premeditação respeitante
publico, e antecipando sem afrestando
não obsequio com que fôr honrada

A autora

A VELHICE DE MILTON



DEPOIS de ter partilhado com ardor os desvarios dos republicanos, Milton, salvo das represálias do partido vencedor pelo reconhecimento de um homem a quem o poeta também tinha salvo nos dias do seu poder, vivia ignorado em um canto da Inglaterra.

Estranho a todos os negocios politicos, apenas sabia se estava sob o governo da republica ou da monarchia, sob Cromwell ou sob Carlos II, e entregue sem reserva às inspirações do seu genio, já não ouvia, no fundo do retiro onde se achava, o ruido das tempestades que tinham agitado a sua mocidade.

Um dia, assentado diante de sua casa e respirando deliciosamente o ar perfumado de uma linda manhã, parecia ainda contemplar as bellezas dessa natureza que não via mais; de repente um homem apresentou-se e o ruido dos seus passos veio perturbar a distracção do poeta.

« Sou eu »—disse-lhe uma voz que Milton reconheceu. Era a de um amigo, que como elle, tinha tomado outr'ora uma parte bem activa nas discordias civis.

—Sede bemvindo, responde-lhe Milton; passareis alguns dias comnosco, vivereis em paz e escrevereis alguns dos meus versos que eu vos dictar.

—Não se trata de versos nem de paz, responde o recem-chegado, elevando a voz, mau grado seu. O reinado de Carlos II vacilla; os *independentes* reviveram; a cinza que estava amortecida, vae converter-se em um ardente brazeiro.

—Ah! o que pretendéis que faça um cego em uma conspiração?

—Não vos queremos para combater e sim para escrever — A mão que traçou a *Defesa do Povo Inglez* estará desecada pela velhice? Não tendes mais no vosso espirito essas palavras dc fogo que consomem os thronos?

—Ah! meu amigo, fallaes-me em uma linguagem que já não comprehendo; recordaes-me os erros dos quaes minha mocidade tanto abusou; porem todas essas illusões dissiparam-se. Não quero ver mais o que se passa no tremendo turbilhão em que vos debateis ainda. O que me importam os vossos *independentes*? Jà não creio mais na liberdade: apenas acredito no repouso, na poesia e em Deus.

Era chegada a occasião em que as filhas de Milton vinham acercar-se de seu pae e encantar-lhe a solidão, reanimando-lhe o genio pelas suas leituras ou pelos seus cantos.

« Eil-as! » exclama o poeta, estremecendo ao ruido dos seus passos, e logo ambas lançam-se aos seus braços. Ornadas de todos os thesouros da juventude, mais bellas ainda se tornavam pelas ternas caricias que dispensavam ao seu pae.

—Queridas filhas, diz-lhes Milton, a presença de um dos meus velhos amigos não é um obstaculo ás nossas occupações ordinarias. Dignae-vos ouvir-nos, disse ao hospede, e possa a pacifica harmonia da musica e da poesia acalmar as tempestades que se levantam no amago do vosso espirito!

Então uma das filhas do poeta tomou um Homero, e leu algumas dessas paginas immortaes, onde se respira a antiguidade com seus costumes, seus usos, seus heroes e seus deuses. Emquanto a donzella prestava o encanto da sua voz a esses bellos versos, cuja comprehensão lhe é inacessivel, Milton gosava da harmonia do estylo e da grandeza das ficções. Quando a musa grega calou-se, a outra voz repetiu os canticos dos prophetas na lingua dos Hebreus. Agora já não ha uma doce melodia que acaricia o ouvido, já não são brilhantes contos que divertem a imaginação: é uma poesia mais santa, mais viva, é a manifestação de toda a magestade da razão:

« A terra se cala, exclama Milton; é o proprio Deus que eu ouço! » e não admira mais, adora, possuido de ineffáveis extasis.

De repente as duas irmãs depoem seus livros. Uma toma sua harpa e a outra associa a sua doce voz aos harmoniosos accordes do instrumento, e juntas, acabam de despertar na alma do poeta o genio da poesia.

« Eu o ouço, diz elle, esse espirito sagrado que inspira e dispõe os meus pensamentos: elle iné falla, escrevei ». E logo compõe um quadro do Eden, espelho fiel e puro em que se reflecte um outro universo, e que não é perturbado por nenhum sopro terrestre.

O que pintava Milton, nunca tinha visto; em quanto

uma nuvem espessa cerrava seus olhos a essa luz grosseira, que apenas é uma sombra do sol eterno, seu genio illuminado pela purissima luz celestial, descortinava um mundo superior ao nosso e levantava-lhe uma ponta do véo que só a morte deve despedaçar totalmente.

Quando o poeta concluiu seu trabalho as duas filhas guardaram silencio, meditando sobre as ultimas palavras de seu pae, e possuidas de um santo respeito como em presencia de um propheta inspirado.

« Eis, diz Milton, baixando á terra, e readquirindo um benevolo sorriso, um tom mais doce e mais tranquillo, quaes são os meus prazeres e os meus trabalhos! Pacificos trabalhos! volupias puras! feliz calma, precursora da paz do tumulo! »

O semblante do hospedē estava immovel durante toda essa scena, e tinha apenas exprimido uma esteril admiraçāo.

— Sêde feliz, diz finalmente ao poeta; em quanto a mim, conservo-me fiel á minha vida passada. Assim como vivi, morrerei: Não me contento com sons fugitivos que ferem o ar para desapparecerem logo: guardo sob os meus cabellos grisalhos a minha colera, o meu rancor contra os nossos antigos adversarios, e se conseguir lançar no abysmo o throno onde vacilla um simulacro de rei, vir-me-hei quando exhalar o ultimo suspiro. Adeus, eu vou congregar os nossos *independentes*.

— E eu, diz Milton, vou cantar a alegria dos anjos, que nunca arrefeceu ou os remorsos da creatura decahida.

— O ferro vae brilhar, o sangue vae correr!

— Minhas filhas, tomae vossas harmoniosas harpas e reanimae vosso pae com os vossos divinos accordes.

AS MULHERES

I

« Basta advertir, primeiro que tudo,
que a mulher não entende absoluta-
mente nada de homens, como não
entende tão pouco de mulheres ».

RAMALHO ORTIGÃO.

...Ha quem possa, reflectindo um pouco, applaudir
similhante conceito de uma descortezia vexadora ?

Na verdade, como dizia o padre Antonio Vieira, « não ha
cousa mais escrupulosa no mundo do quē o papel e penna.
Tres dedos com uma penna na mão é o officio mais arris-
cado que tem o genero humano. Quantos delictos se enfei-
tam com uma pennada ! Quantos merecimentos se apagam
com uma risca ! Quantas famas se escurecem com um
borrão ! Vejam os que escrevem de quantos damnos podem
ser causa se a mão não fôr muito certa ; se a penna não
fôr muito aparada ; se a tinta não fôr muito fina ; se a
regra não fôr muito direita.... »

Parece que tão sublimes verdades, proferidas pelo
humilde pregador *brazileiro* (*) ha tantos annos,—quando os
sabios podiam ser contados por quem pouco de arithmetica

(*) Nasceu em Portugal. Eu o sei...

soubesse, — projectam ainda luz brilhante sobre as obras de varios escriptores orgulhosos de sua fama, advertindo a desgraçada *arraia miúda* dos perigos que certamente ha de correr aventurando-se a seguir a esteira de certos homens, verdadeiras *ndos admirantas* em que vão repimpados chefes de esquadra de grande nomeada, porém, de ainda maior temeridade.

Si existe um traço do espirito moderno que caracterisa de um modo particular o progresso do genero humano, esse traço é o desejo sincero de applicar a lei da justiça, e consequintemente de melhorar *para todos* as condições de existencia.

A humanidade foi sempre de certa maneira arrastada pelo ideal; mas a humanidade nunca sentiu tanto o poder do ideal quanto em nossos dias.

Em relação á força do ideal parece que succede o que se observa em relação á celeridade adquirida: que accresce por progressão geometrica, a ponto de derribar todas as resistencias e ultrapassar todos os calculos.

Em uma sociedade assim disposta, os erros de principios levianamente lançados aos quatro ventos da publicidade, produzem com facilidade consequencias graves.

Todo desvio da linha direita, desde o ponto de partida até o da chegada, desde a premissa até a conclusão, traz em resultado grandes divergencias, e as questões em todo e qualquer terreno devem ser, antes de tudo, perfeitamente collocadas.

Recordo-me sempre com reconhecimento de um conselho que deu-me o Dr. Pedro Brandão, um dos maiores talentos que a Bahia já tem gerado e asphyxiado, ao encetar eu uma discussão:—« Liga sempre a maior importancia ao

modo pelo qual collocas, desde a primeira phrase, a questão que fores ventilar; — tudo d'ahi depende ».

A extrema boa vontade que facilita a traducção da ideia pelo facto, a promptidão de submeter-se em tudo á lei da razão, ou por outras, o ardor com o qual a sociedade contemporânea apaixonou-se pela justiça sob suas diversas formas, impoem em todas as cousas a necessidade de discussões rigorosissimas.

Certamente, o desejo, o dever, a necessidade se assim quizerem, de melhorar a condição das mulheres, inscreve no programma do progresso uma das maiores questões que o futuro esteja chamado a resolver.

Esta é uma das mais sedutoras para o coração generoso do homem; esta é uma das mais decisivas para os destinos da sociedade; mas, por isso mesmo esta é uma das questões mais delicadas, mais complexas e mais perigosas que possamos abordar.

Ha realmente uma *causa das mulheres, a «woman question»* (*) no mundo?

Duvidamos com razão que essa causa seja distinta da de toda a humanidade em geral; não devemos descobrir antagonismo entre os interesses dos dois sexos; consolamo-nos a crença que elles progridem juntos e que têm um interesse igual em progredir.

É exacto que a sociedade saiu recentemente do regimen da força, de forma que restam ainda vestígios d'esse regimen em suas instituições e em suas leis.

A legislação de diversos paízes começa porém a apagar tais vestígios, sem violentar a natureza.

(*) *The woman question in Europe*, by T. Stanton, 1884.

Era uma consequencia natural da antiga organisação social, o restringimento dos direitos da mulher: concedamol-o.

Operando-se porém a evolução, atrever-se-ha ainda alguem a reviver questões vencidas?

E' licito contestar em nossos dias que a *Déclaration des droits de l'homme* tem como corollario a *Vindication of the rights of woman?*

E' possivel admittir com entusiasmo delirante a primeira e repellir com desprezo revoltante a segunda?

São os homens, os unicos responsaveis pelos defeitos das mulheres, os quaes exageram, vilipendiam e castigam.

«...Vós outros homens, diz Goethe, no seu *Wilhelm Meister*, estaes acostumados a vêr-nos lançarmo-nos em vossos braços; não sois capazes de comprehendender o que vale uma mulher.

« Eu vol-o digo, em nome dos anjos, em nome de todos os presentimentos das bemaventuranças celestes que dormem no fundo dos corações nobres e puros, nada ha de mais nobre, mais puro, mais sublime do que a mulher que se entrega toda inteira ao homem que ella ama.

« Quando merecemos em toda a accepção da palavra o glorioso titulo de mulher virtuosa, nós somos frias, altivas e desprezadoras; mas desde que amamos, depositamos todas as nossas virtudes a vossos pés.

« Não sois capazes de comprehendender o que vale uma mulher...»

Somente concluindo com tão soberbas palavras de um gigante da ordem de Goethe, poderemos abaifar a indignação que apoderou-se de nós....

São *sarpas* ou *selpas* o que descubro sobre minhas filhas?

II

« O pômo do amor não é verdadeiramente a astúcia deste ou daquelle indíviduo que o colhe... O pômo cahia porque tinha de cahir... Puzessem-lhe na ria, em vez dos lindos olhos do cavaleiro, os olhos do goraz costido que ella comia ao jantar e o pômo cahiria da mesmíssima maneira...»

RAMALHO ORTIGÃO.

...Um dos capítulos mais commoventes das *choses vues*, é aquelle que marca as phases successivas do processo *Teste*:— durante duas sessões da camara dos pares, o visconde Victor Hugo, par de França, que tinha de pronunciar-se sobre a sorte dos accusados, notava suas impressões de audiencia.

A principio, crê que *Teste* é inocente; ouve em sua eloquencia vibrar a voz do homem que sofre e falla a verdade.

Depois, quando os documentos esmagadores vão sendo produzidos, assiste-se ao terrível spectaculo de um esquartejamento moral...

Ouçamol-o:

« O que nossos pais viram ha oitenta annos, na praça de Grève, no dia da execução de Damiens, viuol-o hoje, dia da execução do presidente *Teste* no palacio dos pares.

« Vimos trabalhar a tenaz na carne; vimos esquartejar uma pessoa.

« De hora em hora, de instante a instante, arrancavam-lhe alguma cousa: ao meio dia, sua consideração de magistrado; a uma hora, sua reputação de ministro integro; uma meia hora mais tarde, o respeito dos outros; um quarto de hora depois, o respeito de si proprio.

« Afinal, aquillo nada mais era do que um cadaver.

« A execução durou seis horas...»

E' o caracter do talento, circumscripto sempre em estreitos limites, de desprender sem cessar o mesmo som como a corda de um piano: o genio assemelha-se ás cordas da harpa eólica; varia seus accentos a cada brisa nova.

No homem de genio todas as faculdades desabrocham ao mesmo tempo; sua imaginação não é uma flôr, mas a deusa das flôres que lhes dá a graça e a vida.

Ha alguma cousa de tão elevado nos sentimentos manifestados por Victor Hugo em relação áquelle horripilante acontecimento, registrado na historia da França com letras de fogo, que, qualquer que seja a opinião dos individuos ácerca da criminalidade do infeliz funcionario publico, poucas serão as pessoas que não sintam profunda compaixão diante do espectaculo d'aquelle tetrica execução!

Si succede isto quando trata-se do suppicio infligido a um ser humano, de que palavras servir-nos-hemos com bastante energia para deplorarmos o martyrio que façam sofrer á totalidade dos representantes de uma classe, de uma nação, de um sexo, sem uma só excepção por menor que seja?

Quereis definir o amor physiologicamente?

Quereis encaral-o como o conjunto dos phenomenos cerebraes que constituem o instincto sexual, são o ponto de partida de actos intellectuaes e de acções numerosas,

variando conforme os individuos e as condições sociaes, e tornam mui complexo esse conjunto de phenomenos, fonte muitas vezes de aberrações que o hygienista, o medico legista e o legislador são chamados para prevenir ou para interpretar, assim de saber si foram realizadas em condições normaes ou de alienação mental?

Neste caso, com que fundamento fazeis uma distincção odiosa entre homens e mulheres?

Julgais porventura a mulher um ente inferior ao homem; preconceito que a antiguidade oriental, grega e romana, transmittiu á edade media e a edade media transmittiu, com tantas outras injustiças, á edade moderna?

Oh, a mulher é a verdadeira soberana da humanidade, como muito atiladamente o pondera *Armand Barbès*.

«O homem, que o orgulho ou o egoismo não embrutece, respeita e venera a mulher na pessoa de sua mãe, de sua irmã, de sua companheira, de sua filha.

«Aquelle que piza com os pés esse respeito e essa veneração, é o mais desprezível dos homens.

«A sociedade deve respeitar-se na mulher como a fonte em que haurio sua vida e todas as suas nobres e santas paixões; a sociedade que falta com o respeito á mulher, que tortura a menina com rudes e precoceis trabalhos, que ensina á donzella a impudicícia e o deboche, que desencaininha a esposa de seus deveres, que envenena o feto nas entradas da mãe, que condena á mendicidade precaria os cabellos brancos da avó, — esta sociedade é infame.»

Sim, é necessário termos a coragem de descobrir as chagas sociaes; mas sempre e unicamente no intuito de cural-as.

Sabeis que Parent-Duchatelet atesta que sobre tres

mil criaturas perdidas, trinta e cinco somente tinham uma profissão capaz de nutril-as e que mil e quatrocentas e cincocenta e oito haviam sido precipitadas no vicio pela miseria?

Relata elle que uma d'essas raparigas resvalou, depois de oito dias de falta completa de alimentação! (*)

De quem é a culpa da pessima cultura moral das mulhres, diante da qual vós tendes ataques de nervos?

Dos homens, que tudo são na sociedade.

Lançar a culpa de taes condições, em que vergonhosamente as mulhres estão ainda collocadas, sobre ellas, é o requinte da crueldade: — E' a esbofeteação de um doente por seu medico.

« *Du côté de la barbe est la toute-puissance* ».

Lêde e gravae em vossa memoria, — vós moços que ainda não estaes estragados, — as palavras que o poeta alemão Frederico von Schiller põe na bocca da princeza de Ebo-li: — (*).

« O amor é a unica cousa sobre todo este globo terrestre que não admitté outro comprador senão a si proprio.

« O amor é o preço do amor.

« E' o diainante inestimavel que é preciso dar, ou senão enterrar sem que alguém delle gose: Tal qual procedeu aquelle grande mercador, que insensivel ao ouro do *Rialto* e para fazer enrubecer os reis, lançou ao mar opulento a sua perola, orgulhoso por demais para adjudical-a abaixo de seu valor.

(*) Legouvé. *Histoire morale des femmes*. pag. 322.

(*) Cito-as de memoria; porém, estou certo de que não alterei o sentido

III

« Num grupo de jovens senhoras, folheando um album de retratos, sempre que um acordo unanime se manifeste sobre a superioridade de uma figura, quando todas as vozes exclamão compactamente e convictamente *lindo! lindo!* deitem os olhos á pagina: têm a certeza de ver um imbecil. »

RAMALHO ORTIGÃO.

... Domine, ne intres in iudicium cum servo tuo.

O cerebro humano pôde conter o infinito; e no entanto, muitas vezes está cheio, cheio a trasbordar, com uma miseria.

Hoje pela manhã, quando o astro rei, depois de tantos dias sombrios e prejudiciaes á desgraçada lavoura, ia surgindo na orla do horizonte e derramando seus aureos raios de luz vivificante sobre este valle de lagrimas e

« *Sobre minha cabeça não mais aquecida*

« *Da mocidade ao sol,*

eu, ao mesmo tempo que seguia com a vista um enorme abutre que de azas pandas descrevia majestoso circulo nos paramos celestiaes, folheava distrahidamente um livro do escriptor allemão J. P. Richter, « *O Titan,* » e então deparou-se-me o seguinte dialogo, que chamou minha particular attenção, e julgo dever despertar em todos que o lerem um mundo de ideas :

—Sei antecipadamente que nós nos entenderemos e não obstante disputamos. Eis porque os homens nos taxam de fracas: elles preparam-se para a sua futura carreira na sociedade á força de endurecerem-se, e nós nos desmanchamos á força de amollecermos!...

—Que fazer então? exclamou Juliana, atravessar rios caudalosos a nado, subir de corrida escarpadas montanhas, galopar sobre um cavallo espumante de fogo?

—Não, disse a princeza, porque observo minhas camponezas: por mais que elles se entreguem a trabalhos penosos, soffrem como nós outras. Não é nosso corpo e sim nosso espirito que deveríamos exercitar: em vez d'isto, deixamos obrar apenas nossas mãos e nossos olhos; o coração de nada sabe, e, no meio de taes occupações triviaes, elle, miseramente ignorante, sonha, confrange-se, chóra, sangra e morre... Um pouco de *philosophia* ser-nos-hia de immenso auxilio mas nós nos abandonamos de pés e mãos atadas a nossos sentimentos, e, quando somos forçadas pelas criticas circumstancias da vida a reflectir, succede que ou aumentamos nossa sensibilidade, ou succumbimos de modo deploravel em luta designal por estarmos sem as armas imprescindiveis.

Não é indiferente á prosperidade das nações que as mulheres sintam-se felizes ou infelizes; sejam respeitadas ou desprezadas, conservem-se independentes ou escravas; estejam collocadas em condições de poderem desenvolver suas faculdades e exercer sua legitima parte de influencia ou condemnadas a uma ignorancia, a uma mediocridade, a uma impotencia irremediaveis, sendo ridicularisadas pelos escriptores publicos.

A condição da mulher em nossas sociedades modernas é um dos problemas mais delicados e, ao mesmo tempo,

um d'aquelles que, em nossos dias, impõem-se imperiosamente á atenção do moralista e do legislador.

Tem-se dito com razão, que o grão de civilisação de um povo mede-se com bastante exactidão segundo a situação ocupada pela mulher.

Em presença das acusações cada vez mais frequentes e apaixonadas, seria útil que os pretensos democratas indagassem seriamente a respeito de que somma ridicula de direitos e de liberdades gosa a parte feminina da sociedade; si por outro motivo não fosse, pelo menos para não lançarem sobre todo o sexo denominado *fraco* o ridiculo ou o odioso. (*)

Seria bom que os homens, que são aquelles que fazem as leis, não abusassem de similar vantagem para roubarem á mulher o *cantosinho* que ocupa neste paraíso ou inferno, como queiram classificar o globo terrestre.

O estudo de poucas questões deixa-nos mais sorprendidos e indignados do que o da questão das mulheres!

(*) Consultae:— *La femme en France au XIX siècle*, par Legouvé.

The woman question in Europe, by Th. Stanton. 1884. — *Lettres à une honnête femme*, por A. Quatrelles. — *Histoire du droit et des institutions de l'Angleterre* par E. Glasson. — *Emancipation contractuelle de la femme en Angleterre*, par Th. Barclay. 1883. — *Condition privée de la femme*, por Paul Gide. — Dois artigos de A. Ribot no *Bulletin de la Société de législation comparée*, 1871, pag. 6, e de Westlake na *Revue de droit international et de législation comparée*, 1884, pag. 193. — *De la condition de la femme mariée en Angleterre d'après la nouvelle législation de 1882*, por E. Lehr, 1884. — *L'amélioration de la condition des femmes* por Léo Quesnel, 1885. E finalmente o livro incomparável de Jules Simon, *l'Ouvrière*, que nenhum homem de bem deveria deixar de possuir e ler.

A Allemanha, por exemplo, é um dos paizes em que o educação das mulheres está mais adiantada; em que exista o numero maior de sociedades, (quasi todas sob a protecção de rainhas, princezas e senhoras da alta aristocracia), destinadas a prepararem as mulheres, directamente, para a vida civil e indirectamente, para a vida publica.

Pois bem, não ha talvez paiz em que a lei lhes seja mais hostil!

N'este sentido, ha uma contradicção flagrante entre as leis e os costumes: a legislação está trez seculos em atraso em relação á civilisação hodierna!

Em virtude da lei prussiana, os filhos não podem casar-se sem o consentimento do pac; mas o da mãe não é considerado necessário: erro grave em que não cahe a lei franceza que exige o consentimento de um e de outro, evitando assim tambem uma injuria inqualificavel em referencia á uma mãe carinhosa que zela o futuro de sua filha querida.

Em materia de divorcio, as sevicias não podem ser invocadas pela mulher como causa de dissolução do casamento senão quando o marido chegou ao ponto de pôr a sua vida em perigo: si as pancadas não foram tantas que podessem causar a morte, estas são consideradas como não dadas.

Na Baviera, a lei permite ao marido expressamente o castigar sua mulher de uma maneira moderada.

N'esse mesmo paiz, as mães e avós não podem ser tutores de seus filhos e netos.

Quanto aos ganhos feitos pela mulher durante o casamento, não fazem parte das acquisições, como succede em França sob o regimen da communhão matrimonial, mas pertencem inteiramente ao marido, o que apenas succede

em França quando o casamento é regido pelo antigo regimen denominado *dotal*.

A associação nacional das mulheres allemães apresentou em 1887, ao *Reichstag*, uma petição coberta de innumeras assignaturas, para implorar o goso dos direitos *civis*, como mães e como esposas, e a revogação das disposições legaes que as collocam nas condições de menores.

Até hoje o parlamento nada fez.

Eu quizera referir-me a outros paizes, porém, falta-me o espaço.

Na Russia, espantae-vos, as mulheres gosam de vantagens legaes muito grandes :

São senhoras de sua propria fortuna, eleitoras dos conselhos municipaes e das assembléas provinciaes, e podem seguir livremente os cursos de ensino superior.

A primeira doutora em medicina que houve no universo, foi uma americana, miss. Elisabeth Blackwell, e a segunda immediatamente uma russa, a menina Nadiejda Suslova.

Ser-me-ha permittido ainda citar as opiniões de Jules Simon e Leroy-Beaulieu ?

« Ha alguma cousa de mais horroroso ainda do que o trabalho sem pão,— diz J. Simon,— é a necessidade, a capacidade, a vontade de trabalhar, sem trabalho ! »

« Ha ainda alguma cousa de mais horroroso do que querer e saber trabalhar sem o poder, é quando a falta de trabalho tem como causa, não a natureza das cousas e a inexoravel fatalidade, e sim o arbitrio cruel dos homens e a imposição affrontosa da lei ! »

Relativamente ás mulheres, em todos os paizes, os tres casos podem ser observados: a necessidade, a capacidade e a vontade de trabalhar.

Quasi sempre, porém, elas não acham trabalho; e não é tanto à natureza das cousas, quanto ao arbitrio dos homens que devemos attribuir essa falta de trabalho.

E é possivel que succeda o contrario, quando sabe-se que em França, por exemplo, o numero dos nascimentos dos dois sexos é quasi igual; que em outros paizes da Europa em que é desigual, são os nascimentos do sexo feminino que dominam; e que as profissões accessiveis ás mulheres são quatro vezes menos numerosas do que as profissões accessiveis aos homens?

Nas «lettres à une honnête femme» de A. Quatrelles, (*) cujo quadro sombrio nada tem de exagerado, estão traçadas as dificuldades com que luta uma menina para empregar-se: d'ahi tirem illações!

Ha operarias em Pariz que ganham 3 francos por dia, e até mesmo 4 francos; mas estas são em numero limitadissimo, a maioria ganha 1 franco 50 e 1 franco.

A media do salario das mulheres em Pariz é a de 2 francos por dia. Em Lyon, a media é muito menor.

O Sr. Jules Simon fixou da seguinte maneira os salarios das operarias em seda: para as torcedoras de seda, um *maximum* de 8 francos por semana, descendo este ás vezes abaixo de 5 francos; para as dobadoras, 1 franco 25 por dia; o mesmo salario para as urdideiras; 2 francos por dia para as *metteuses en main*; 3 francos para as boas torcedoras; 4 francos para as mais habéis *remetteuses*; 1 franco 75 para as alizadoras e para as tecedoras 1 franco 50.

As tecedoras que querem ganhar 2 francos por dia prolongam seu trabalho até as 2 horas da madrugada!

(*) Pseudonymo de um estadista distineto.

O Sr. Leroy-Beaulieu que possue as estatísticas de Pariz e as conhece a fundo, calcula o numero de dias productivos em 270 por anno, o que dá para uma mulher que não interrompe seu trabalho, nem mesmo em virtude de molestia, uma remuneração annual de 540 francos; em moeda nossa cerca de 270\$000.

«Quando com tão magros recursos,—diz elle indignado,— uma mulher deve satisfazer todas as necessidades, quantas privações um orçamento tão reduzido não impõe? Tenha ella filhos! E' a indigencia, a mendicidade, ou o vicio, ou horriveis soffrimentos!...»

A media do salario do operario em Pariz é a de 4 francos por dia; e, reduzindo-se para elle como para a operaria o numero de dias productivos a 270, são 1040 francos o que ganha annualmente; quer dizer: duas vezes *mais*.

Ora, a diferença das necessidades entre os dois sexos só existe quanto á nutrição, porque o homem devora na verdade mais $\frac{4}{3}$; roupa, morada, e tudo mais custa tanto a uma creatura como a outra; de sorte que a mulher gastará apenas $\frac{4}{6}$ menos do que o homem, visto como debica apenas; come para viver e não vive para comer, graças a Deus.

A diferença dos salarios, por conseguinte, não provém da desigualdade dos gastos precisos ao homem comparativamente aos precisos ás mulheres.

Qual é a causa então?

Leroy-Beaulieu a vae indicar.

— «O trabalho humano,— diz Leroy-Beaulieu,— é uma mercadoria que é paga tanto mais vantajosamente quanto maior fôr a procura e menor a offerta.

«Não é preciso ser-se um economista eminente para

saber que os preços de um genero são tanto mais elevados quanto numerosos e importantes fôrem os mercados que os acceitem.

« O mesmo succede quanto á mão d'obra : quanto mais vasto fôr o campo de emprego que lhe esteja franqueado, tanto maiores serão as probabilidades de que a remuneração do trabalho se eleve.

« Ora, o que resulta d'ahi ?

« Os braços do homem têm um campo de emprego quasi illimitado ; todas as obras que exigem força lhes são accessiveis ; os trabalhos que exigem destreza não lhes estão tolhidos, porque vêem-se na Belgica moços fazendo rendas, encontram-se na Suissa pastores fazendo bordados, e no sul da França o trabalho de seda occupa quasi o mesmo numero de operarios como de operarias.

« As mulheres, pelo contrario, estão prezadas em um circulo de ferro ; não lhes resta senão os trabalhos de destreza : ora, até os ultimos tempos, nossa ^{civilisação}, ainda grosseira e pouco auxiliada pela sciencia, reclamava muito mais trabalhos de força do que trabalhos de destreza, quer dizer que o campo de emprego dos homens tem sido sempre muito mais vasto do que o campo de trabalho das mulheres.

« A essa causa natural de inferioridade unem-se outras que provém de nosso estado social e de nossos costumes.

« Não somente os mercados da mão de obra feminina forão sempre até agora mais restrictos e menos variados do que os da mão de obra masculina, pela natureza mesma das cousas e a constituição physica dos dois sexos ; mas tambem a educação das mulheres tem sido menos desen-

volvida do que a dos homens : suas faculdades foram menos cultivadas.

« Assim o campo de emprego do trabalho feminino, já restricto pela natureza, achou-se ainda mais limitado pela falta de instrucção das mulheres.

« Não só as operarias têm sido excluidas, por uma incapacidade constitutiva, da mór parte dos trabalhos que reclamam força, como ainda dos trabalhos que só reclamam destreza e intelligencia; sua falta de educação as tornarão quasi sempre inferiores aos homens.

« As unicas causas verdadeiras do aviltamento do salario das operarias, são, portanto, que as carreiras franqueadas á actividade das mulheres são pouco numerosas ; que elles precipitam-se sobre estas carreiras em massa ; que alem d'isto, em muitas das industrias em que se empregam, a falta de desenvolvimento intellectual e a ignorancia profissional não lhes permitem ocupar senão os ultimos degráus da escada ».....

Estas linhas tão simples encerram tudo : a prova do estado de dependencia e de inferioridade em que se acham as mulheres, que não podem subsistir senão com o trabalho do homem ; e ao mesmo tempo as causas mais directas d'esse estado de dependencia e de inferioridade.

Citarei ainda uma pagina de Leroy-Beaulieu, e as conclusões desenrolam-se em seguida por si mesmas.

« A inferioridade dos salarios das mulheres, relativamente aos salarios dos homens,— diz elle,— tem como causa as diferenças de educação e de instrucção.

« Effectivamente, mesmo nas industrias divididas e progressivas em que as mulheres têm acesso, elles estão acorrentadas aos ultimos degráus do trabalho, não podem

entregar-se senão ás operações mais elementares, ás que exigem menos cultura e apprendizado.

« Tomemos alguns exemplos: — Eis a ourivesaria e a joalheria, que, na industria de Pariz, empregam igualmente homens e mulheres.

« Qual é o papel de uns e outras ?

« As mulheres são *refuradoras*, *polidoras*, *brunidoras*; são ainda *ornadoras*: ofícios simples e faceis, que não exigem nem muita arte, nem muito estudo; e n'estas mesmas operações simples e faceis, os homens, primeiro que tudo, fazem concurrencia ás mulheres, depois são, além d'isto, modeladores, desenhistas, cinzeladores, decoradores, ajustadores.

« A herboristaria, a drogaria são franqueadas tambem a homens e mulheres; porém, ao passo que os homens são operarios manipuladores e ajudantes de laboratorio, as mulheres são escolhedoras, embrulhadoras e colladoras de disticos.

« Nas fabricas de porcellana, as mulheres são muito mais vezes esmaltadoras e tiradoras de contra-prova do que pintoras; os homens são muito mais vezes pintores, floristas, figuristas, armoristas, do que esmaltadores e tiradores de contra-prova.

« Na imprensa, as mulheres são sobretudo marginadoras, regradoras, dobradoras e encadernadoras; os homens são sobretudo protos, revisores, paginadores, compositores.

« Na photographia, as mulheres são principalmente reto-cadoras e colladoras; os homens são operadores e pintores.

« Percorra-se o inquerito da camara do commercio de Pariz, e ver-se-ha que em todas essas industrias as mulhe-

res não exercem senão as funcções mais rudimentares, por conseguinte as menos retribuidas, e que são quasi excluidas, em beneficio dos homens, de todas as profissões que, sem reclamar mais força, reclamam mais estudo e apprendizado...

«O estado de nossos costumes tornou até agora a educação das moças muito mais limitada do que a dos moços, seu apprendizado mais curto, sua instrucção profissional mais restricta»...

Na Prussia o Dr. Lette, o maior bemfeitor das mulheres alemãs, referiu tambem, em um relatorio apresentado á *Sociedade central para a protecção das classes operarias da Prussia*, quaes são as condições precarias em que se acham as mulheres do povo não só, como principalmente as da *pequena burguesia* (*), no dito paiz.

Depois do falecimento do Dr. Lette, essa sociedade, que fôra durante alguns annos presidida pelo celebre professor Holtzendorf e hoje é presidida pelo Dr. Schepeler-Lette, continua a chamar a attenção publica para a triste situação das mulheres e de modo tão verdadeiro que em quasi todas

(*) As palavras *grande e pequena aristocracia, grande e pequena burguesia* e outras apropriadas ao estado social europeu, não têm significação entre nós—e tambem em Portugal, desde que, socialmente falando, a unica distinção observada é entre o bipede bem sucedido e o mal sucedido em emprezas licitas e illicitas, que se confundem de modo maravilhoso.

Para comprehenderm-se taes termos, lêde *Balzac*, que, na opinião de *G. Sand*, melhor descreveu a sociedade européa d'este seculo.

Os publicistas poderão consultar com proveito as obras de *Bluntschi*, «*Allgemeines Statsrecht I. 149. 156—164.*», e de *Richl*, «*Die buergerliche Gesellschaft*», principalmente na parte em que refere-se ao proletariato de modo brilhante e elevado.

as cidades importantes da Allemanha fundaram, por sua iniciativa, sociedades analogas, sobresahindo entre elles o *Aliceverein*, collocado sob a protecção da finada princeza Alice da Inglaterra, grã-duqueza de Hessen.

As senhoras Schepeler-Lette, filha do Dr. Lette, Jenny Hirsch, directora do *Deutscher Frauenanwalt* e Maria Calm, filha do burgo mestre de Arolsen, têm escripto muito a respeito da necessidade de melhorarem-se as condições em que estão as mulheres na Allemanha.

Não estudam as questões e vêm aborrecer-nos.

Imaginæ que, segundo a estatística official da Austria, na Bohemia, por exemplo, o numero de mulheres é superior ao de homens em mais de 200,000 !

Ahi estão, portanto, 200,000 mulheres que, em primeiro logar, não encontrarão maridos,—uma felicidade talvez, em minha opinião, que é alias a de uma mulher bem casada,—e, em segundo, são repellidas até das mais humildes profissões pelos homens cheios de grande insolencia.

Notæ que a legislação da Austria-Hungria é a mais liberal de toda a Europa, porque elles possuem ali muitos direitos, até politicos, que em outros Estados não lhes são concedidos: têm o direito de votar nas eleições municipaes, provinciaes e nacionaes. Recentemente uma mulher foi eleita para o conselho municipal de Agram, e outra para o conselho provincial da Bohemia.

De uma estatística de 1881, citada pela Sra. Johanna Leitenberger, deprchende-se que das 373,000 mulheres que vivem em Vienna, 187,000 vivem a suas custas, do trabalho honesto de suas mãos, apezar da crua guerra movida

pelos homens e principalmente pelos pretensos democratas (*):— Eis a prova de sua capacidade!

E' um erro ou uma falsidade dizerem, como dizem, que o homem trabalha mais do que a mulher: Só um ignorante ou malicioso o poderá afirmar, alludindo a sua fraqueza muscular.

Risum teneatis.

Basta reflectir na somma de labor fructuoso que representa um só dia de trabalho de um dos menores insectos:— *a formiga*; descripta por Sir John Lubbock de maneira tão admiravel e instructiva.

A força muscular não é a unica productora; levc-se em conta tambem a força nervosa, a constancia, a applicação, os milagres do amor,— só a mulher sabe amar!— sem precisarmos fallar nos do amor maternal, que por si só attinge ao divino.

Um jornal allemão — « *Neue Bahnen* », citado por L. Quesnel, provou-o em varios artigos de modo irrefutavel: — A mulher trabalha mais do que o homem; sim, mais, senhores criticos!

Quereis ficar sorprehendidos,— vós que pretendeis nullifical-a diante da mulher no exercicio de uma profissão? Vède-a na profissão commercial; são incomparaveis!

« Os novos bilhetes de 100 francos do Banco de França, — diz Quesnel,— representam uma Minerva que prega no solo uma figura desgrehada, com este exergo: « *La sagesse fixe la fortune* ». A legenda pode-se applicar ás mulheres

(*) A democracia é a maior inimiga dos indigentes.

Só no seio do socialismo acrysolado encontrarão os indigentes um salvo-conducto para atravessarem este valle de lagrimas, infestado por vis pechelingues.

negociantes. Quasi sempre quando uma mulher abre fallencia, é arrastada por outras casas geridas por homens»...

Quanto á probidade... é melhor pararmos aqui.

Para que retaliar? As noções relativas ao *meu* e *teu* andam por tal forma embaralhadas!...

Será possivel que alguem, em um momento de delirio de ingratidão, julgue necessario lembrarmos o papel que a mulher representa como enfermeira?

Como mestras? que deploravel illusão!

A tal respeito escreveu o Sr. Rice, *superintendente* de dicções paralelas: de uma parte, os tribunaes de direito escholas em Nova-York, o seguinte:

«A elevação de suas tendencias communica-se naturalmente aos discípulos.

«Graciosas, mansas e puras, as mulheres os tornam, como elles o são, puros, mansos e graciosos. A mulher, muito mais perspicaz do que o homem, conhece melhor do que elle o coração humano e particularmente o das crianças. Ellas as mantém no dever pela affeição, melhor do que os professores com seus regulamentos e systemas de repressão. Não ha duvida que no futuro reconheceremos agradecidos os immensos serviços que as mulheres já têm prestado a nossas escholas...»

Lestes o que escreveu Hippeau?

«Não é somente pelas qualidades moraes e pela influencia salutar sobre o caracter das crianças, que as mulheres deveriam ser preferidas. Tem-se observado que elles cultivam e desenvolvem melhor a intelligencia das crianças...»

Logicamente devemos concluir d'ahi, que a humanidade tem soffrido com a exclusão das mulheres do campo escholar.

A posição em que collocaram cruelmente a mulher, vae sendo felizmente discutida e, a principiar pelos proprios jurisconsultos, grande numero de homens, dotados de certa dose de criterio, desiste da sustentação de principios inconcebiveis, que foram durante tão longo espaço de tempo arvorados a categoria de verdadeiros dogmas de jurisprudencia.

Na Inglaterra, n'esse paiz da tradicção por excellencia, já podemos estudar os effeitos de uma revolução — sim, foi uma revolução e não uma reforma, — operada pela nova legislação de 1882 em favor da mulher casada.

Aquelles que conhecem as leis inglezas devem saber que até 1873 houve na Inglaterra duas ordens de juriscommum, que apegaram-se ao direito estricto e applicavam judaicamente o texto da lei; de outra, o tribunal de chancellaria, que, tomando a situação ocupada em Roma pelo pretor, esforçava-se para temperar, por meio de considerações de equidade, o que o direito tinha muitas vezes de draconiano ou de absurdo.

Entre essas duas jurisdisções rivaes tudo era inteiramente diferente, porque obedeciam a tendencias oppostas: o chancellor, homem do clero e orgão do rei, era, por esse duplo titulo, zeloso sectario do direito romano e das regras canonicas; os antigos tribunaes, nos quaes assentava-se uma nobreza independente e altiva, defendiam seu antigo direito feudal contra os assaltos do poder real.

Com a legislação de 1882, as mulheres inglezas entraram emfim no goso de direitos que até então não podiam alcançar.

A personalidade da mulher estava por tal forma absorvida pela do marido, que chegava-se ao seguinte absurdo:

—O *common law* prohibia a alienação dos bens da mulher ainda mesmo quando ella consentia, de sorte que, para tornal-a possivel, soccorriam-se a uma ficção: o comprador demandava, sustentando que os bens lhe pertenciam; os conjuges defendiam-se pessimamente e eram condemnados, e como a sentença tinha a authoridade de cousa julgada, o direito do comprador achava-se dest'arte garantido!

Os juizes eram não as victimas e sim os cumplices de similhante ficção.

Hoje, a mulher ingleza casada pode adquirir e possuir todas as especies de bens como se não estivesse no captiveiro do marido, e sem precisar da intervenção de um *trustee*; e d'elles pôde dispor como quizer, entre vivos e por testamento; o marido tem apenas o direito de herdar *ab intestato* os moveis.

Bem feito!

A lei a considerava como destituida de toda vontade propria e incapaz de todo e qualquer acto jurídico; si commettia um delicto em presença do marido, o delicto era considerado como perpetrado pelo marido e não pela mulher; a mulher não era responsavel, não a punia a lei; só o marido era legalmente o culpado.

Si o proprio marido era victimă — por excepção, — de um crime da mulher, si por exemplo a esposa o abandonava para seguir outro marmanjo, tinha uma ação civil contra o velhaco, como succederia si um ladrão qualquer houvesse surripiado uma cousa de sua propriedade.

Si matavam-lhe a esposa, tinha uma ação identica contra a pessoa que a ferira, — *action of trespass.* »

Raptavam-lhe a esposa, arrancavam-lhe a força a companheira? Seguia ella o seductor de sua livre vontade?

A lei não queria saber disto. A mulher, sendo incapaz de querer alguma cousa, era em ambos os casos reputada como tendo sido arrastada involuntariamente.

Um pae, si queria fazer uma doação á filha casada, só a podia beneficiar exclusivamente, confiando a dadiva a um terceiro, que servia de — *trustee* —.

Na verdade todos eram uns *trastes*...

E' uma vergonha tudo isto.

Lendo *Os Princípios de Sociologia* de Herbert Spencer, (Tomo I pag. 384), deparou-se-me uma citação que faz o illustre philosopho de um trecho de uma obra recentemente publicada por M. Williams — *Through Norway with Ladies* « (pag. 162); citação que elle qualifica de « *striking* », e que causou-me tambem espanto, de sorte que para ella chamo a particular attenção do leitor.

« Não ha povo no qual as mulheres ocupem, relativamente aos homens, uma posição mais favoravel do que entre os Laponios ».

Depois de provar essa asserçao com factos tirados de suas observações pessoaes, indica a razão d'isto, accrescentando:—

« Apezar de suas miseraveis choupanas, seus corpos immundos, suas vestimentas primitivas, sua ignorancia das letras e das sciencias, elles são superiores a nós no elemento mais nobre da civilisação, o elemento moral, e todas as nações do mundo podem tirar o chapéo diante d'elles ! »...

Que vergonha ! Estamos abaixo dos Laponios ! E os inglezes, depois das revelações horripilantes da *Pall Mall Gazette*, bem o podem avaliar !

Não nos occupemos tanto com as classes superiores da sociedade.

Sim; sempre que tratarmos de questões sociaes, não devemos estudar as classes superiores, que formam uma pequena minoria, e sim as classes inferiores, que compoem a quasi totalidade das criaturas humanas.

«Quando consultamos os processos de infanticidio, — diz Legouvé, pag. 49 a 50—, encontramos o seguinte facto verdadeiramente terrivel: sobre oito accusações provadas de infanticidio, ha quatro absolvições. Quatro homicidios absolvidos sobre oito! Quatro homicidios provados, confessados!...

Que provam taes absolvições, proferidas em oposição á lei que illudem?

Devemos concluir que os jurados não têm o devido respeito á vida humana?

Que approvam o crime e querem acorçoal-o?

Evidentemente não.

Mas demonstram que uma acção má, ligada á certas causas que a produziram, torna-se perdoavel; que a justiça consiste muitas vezes na clemencia; que podemos, em uma palavra, condenar o procedimento e amnistiar a pessoa.

Basta! Chamo a attenção do illustrado commendador Sant'Anna, escriptor cachoeirano cuja penna admiravelmente aparada, inumeras vezes tem com brilhantismo escudado as mulheres contra as invectivas de moços enfaatuados e de velhos rabujentos.

Não acudirá S. S. ao brado de alarme?

E' impossivel! S. S. não pertence de certo ao numero d'aquelles que, adiantando-se em edade, longe de tornarem-se amaveis e tolerantes, fazem lembrar as espirituosas

phrases que encontramos na obra prima de Moreto — « *El desden con el desden* »:—

« Attento, señor, he estado,
« Y el suceso no me admira,
« Porque eso, señor, es cosa
« Que sucede cada dia;
« Mira: sendo yo muchacho
« Habia em mi casa vendimia,
« Y por el suelo las uvas
« Nunca me daban codicia;
« Pasó este tiempo, y despues
« Colgaron en la cocina
« Las uvas para el invierno ;
« Y yo viéndolas arriba,
« Rabiaba por comer dellas:
« Tanto que trepando un dia
« Por alcanzarlas, cai,
« Y me quebré las costillas;
« Este es el caso, él por él.

Fiquemos aqui.

... *Domine, ne intres in iudicium cum servo tuo.*

IV

« Zu was Besser'm sind wir geboren.
« Und was die innere Stimme spricht,
« Das taeuscht die hoffende Seele nicht.

F. VON SCHILLER

(Para alguma cousa melhor nascemos; e
o que a voz intima falla, não illude ao es-
perançado).»

A sociedade é como a natureza: nada faz de balde.

O que parece ser uma evolução puramente ideal, acaba sempre por uma evolução material.

A sociedade nova, que cresce de modo extraordinario, ignora ainda a si propria.

Todos os pensamentos, todos os sentimentos das duas ou tres ultimas gerações,— as mais agitadas que o mundo tem conhecido,— acharam interpretes eloquentissimos.

Nenhum genio resumiu até agora as aspirações da sociedade nova: Na Inglaterra como em França, em França como na Allemanha, as vozes retumbantes dos mais poderosos coripheus calaram-se; e entre os vivos, os mais potentes,— reconheçamol-o,— já são antigualhas.

A lyra humana vibrou em nossa epocha mais harmôniosa e mais dolorosamente do que jamais em tempos idos desprendera sons.

Que esperanças este seculo não chegou a nutrir, e que tristes desillusões não foi obrigado a tragiar?

Paixões vagas, duvidas amargas, esperanças em melho-

res destinos, sonhos pantheistas e humanitarios, e para coroar a obra, essas tetricas ideas da meia noite, nas quaes domina um pessimismo alternativamente resignado e furi-bundo; tudo, tudo a humanidade cantou em modulações assombrosas.

Que linguagem maravilhosa, enriquecida de um thesouro de palavras e de rythmos inteiramente novos, foi aquella com que revestiu suas engenhosas hyperboles!

Sem duvida, a impressão é confusa e contrastadora em relação ao pessimismo alludido.

O seculo XIX, que produziu tantos prodigios, causou tambem ruinas incalculaveis.

Deixará elle, como as decadas deixam de ordinario os homens, a humanidade mais pobre de esperanças?

Pôde ser.

Todavia, não é possivel que neguemos aplausos a seus esforços titanicos.

Assim como Phaetonte, o pensamento humano abandonou a estrada acostumada; rolou, fóra da orbita, pelos céos, em procura de melhor caminho...

Pôde cahir, ferido de morte, impotente e nullificado...

Sim, pôde cahir; porém *magnis tamen excidit ausis...*

Um dos heroes do poema inglez *Aurora Leigh*, — *Romney*, — diz á sua prima Aurora, que ambiciona ser poetisa;... ô, que palavras injustas, porem cheias de eloquencia:

«Vós mulheres, vós não sabeis generalisar... Mostrae-me, em vossos olhos brilhantes, uma lagrima, uma só, como a de Cordelia, sobre as miserias d'este mundo. Vós choraes tão somente sobre o que vêdes. Uma criança enferma que tocaes com vosso dedo, far-vos-ha chorar; um milhão de enfermos jamais... Eis porque este mesmo mundo, que

não comprehendéis, deve escapar á vossa influencia. Como vós sois, simples mulheres, apaixonadas e pessoaes, vós nos daes mães carinhosas, esposas perfeitas, *madonas* sublimes, santas pacientes; mas vós não nos dareis um Christo, e penso, verdadeiramente, nunca dareis até uma poetisa ».

De modo menos rude, menos cruel, eis a condenação: ahí temos a mulher atada ao poste da calumnia, tal qual já vimol-a algures.

Mas, Senhor Deus! Si não ha poeta senão quando alguem crêa obras impessoaes; si o drama e a epopéa são as formas superiores da arte, a historia, com effeito, não nos mostra uma mulher capaz de entrar em liça com os grandes poetas.

Sim, é verdade que a mór parte d'aquellas que receberam o dom da poesia, cantaram apenas seus prazeres e suas dôres: viram o mundo no circulo de um horizonte um pouco limitado.

Respondei-nos, porém, quantos homens são effeminados?
— Nenhum? Devéras?

Reconheçamos que houve mulheres que fizeram da poesia um verdadeiro sacerdocio; que escutaram a grande queixa da humanidade; que ousaram encarar seus vicios e misérias; que defenderam os fracos e atacaram os fortes e nunca negaram justiça aos perseguidos:— Muitas d'ellas não só, como a Maria do Evangelho, escutaram com enlevo a palavra do Christo, como empunharam o bastão do apostolo e foram pregar a *boa nova* em regiões inacessiveis até então.

Quereis um exemplo?

Elisabeth Barrett Browning; uma ingleza.

Em um corpo debil, a alma mais ardente que pode ser imaginada!

Não soube o que foi fadiga, desanimo, mèdo; combateu até que a Divina Providencia prostrou-a de um só golpe.

Qual foi o homem que não sentiu cansaço?

«À force de marcher l'homme erre, l'esprit doute,

«Tous laissent quelque chose aux buissons de la route,

«Les troupeaux leur toison, et l'homme sa vertu».

Mas, a mulher dotada de um coração nobre tem este privilegio: o de poder olhar sempre para o alto, ainda quando arrisca-se a atravessar o lamaçal da via publica.

Sua poesia tem uma pureza de accento extraordinaria: Ella canta o amor com doçura inimitavel, o progresso humano, a liberdade e a justica com uma energia que não enfraquece jamais; suas dôres mesmo — e ellas as têm grandes —, nunca se misturam com o odio implacavel de outros, e sim sobresahem apenas no meio de brados sublimes de esperança inabalavel.

Na verdade, a mulher pôde ser taxada de personificação da Esperança; e «para comprehendê-la, — dizia-me uma senhora, de uma intelligencia sublime e cultivada com um esmero acima de todo o louvor: minha idolatrada mãe;... consinta-me ella que respeitosamente eu a mencione, — *para comprehendê-la, é preciso ser também mulher*».

Elisabeth, a mulher que indiquei acima, não contentou-se em elevar as almas até aos pensamentos mais puros e bellos; encarregou-se também de todas as causas justas, combatendo o mal.

Para avaliar a sua philanthropia, basta dizer-se que esqueceu-se muitas vezes de que era filha do paiz essencialmente mercantil:—da Inglaterra!

Todos os inglezes conhecem, ou devem conhecer, o —
Grito das crianças: protesto veemente contra o trabalho
das crianças nas fabricas e minas.

Que estygma! — Ouvi!

«Do ye hear the children weeping, o my brothers,

 «Ere the sorrow comes with years?

«They are leaning their young heads against their mothers

 «And that cannot stop their tears.

«The young lambs are bleating in the meadows,

«The young birds are chirping in the nest,

«The young fawns are playing with the shadows,

«The young flowers are blowing toward the west.

«But the young, young children, o my brothers,

 «They are weeping bitterly!

«They are weeping in the playtime of the others,

 «In the country of the free».

Não. Deixemos o inglez. Traduzamos.

— «Ouvis chorar as crianças, ó meus irmãos, antes que
com os annos chegue a tristeza?

«Apoiam a cabeça contra o seio materno, sem que possam
dest'arte as lagrimas conter.

«Os tenros cordeiros balão nos prados, os tenros passa-
riahos chilram nos ninhos, as tenras corças brincam com
as sombras, as tenras flôres desabrocham risonhas para
o oeste.

«Mas as tenras, tenras crianças, ó meus irmãos, choram
amargamente, em tempos para outros festivos, no paiz de
liberdade.

«A essas tenras crianças, cujo grito vos opprime, per-
guntae de que provém a sua magoa.

« O ancião prantear pôde os dias de sua juventude, perdidos em longinquo passado :

« A velha arvore despida está de verdura, o velho anno frio ao expirar, a velha ferida mais cruciante, a velha esperança menos resistente.

« Mas, as tenras, tenras crianças, ó meus irmãos, de que provém seu dorido pranto ?

« Porque motivo soluçam no collo de suas mães, em uma terra que proclaimam feliz ?

« Ellas nos miram com o semblante pelo cansaço abatido. Como é triste vêr seus olhos embaciados ! Como desappareceram suas côres, apagadas pelos crueis cuidados, só proprios da velhice !

« A terra é bem cruel,—dizem ellas;—nossos pésinhos são debeis, ai ! Apenas puzemo-nos em caminho, já a lassidão apodera-se de nós, quando nosso tumulo está ainda lá tão longe. »

« Perguntae aos anciãos a causa de suas lagrimas : Elles pelo menos em breve acharão a sepultura. »

« É verdade que ás vezes a graça nos é concedida, e de morrermos antes de tempo. »

« Quando falleceu a pequenina Alice, nós a seguimos a passos lentos, vimos cavarem a funda cóva para agazalharem seu magro corposinho. Nenhum trabalho irá tortural-a ali em baixo ! Seu sonno é profundo, ninguem a chamará, vociferando com brutalidade :— « *E' dia ! Levanta-te !* » ... Ella sorri, porque o som piedoso do sino da ermida embala no alvo lençol que a envolve. Ó ! — dizem as crianças, — ó que felicidade morrermos antes de tempo ! »

« Ouvimos as rodas gyrar e zunir, açoitando nosso rosto com o gelido ar, que tangem seus longos, tremendos braços. »

«Nossos corações revolvem-se tambem, impellindo com força o sangue que nos queima as faces, e tudo dá voltas em nosso inferno: Vo'lêa o céo enfumaçado por cima de nossas cabeças, as compridas paredes onde bruxolêa luz embaciada e assim os negros enxames de feras bestas prostradas de gatinhas: Céo, paredes, tudo voltêa e nós em vertigem volteamos com elles.

«A roda, zunindo, gyra, gyra sem tregoa; e com voz supplicante quizeramos bradar-lhe: «ó roda, ó roda, pára, pára! Dá-nos descânço por uma vez!»

.....

«Ellas nos miram com o semblante contrahido pelo soffrimento.

«Podeis, ó meus irmãos, encaral-os sem pavor, sem pensardes na colera tremenda que contra vós desencadeiarão aquelles anjos juntos a Vosso Senhor?

«Até quando,— dizem ellas,— ó patria cruel, pisarás com os pés o coração de teus filhos, esmagando com teu pezado calcanhar o fraco peito de miseras crianças, no intuito de assegurares teus triumphos nos mercados do universo?»

«Ó ricaços, o sangue de crianças espadana e vos salpica; vêde como corre debaixo de vossos pés!

«Ó ricaços, o choro de debil criança vos maldiz mais alto do que o grito rancoroso do homem forte!»

.....

Contam que alguém, tendo escutado um discurso de Mirabeau, exclamára:— «*Si isto não é eloquencia, então esta palavra nada exprime!*»

Pois bem, fazendo minha esta apostrophe, dir-vos-hei:—

«*Si isto não é poesia, então esta palavra nada exprime igualmente!*»

Mais alto não ha quemi saba.

«*En estilo poetic y dulzura.*

«*Sube del monte a la suprema altura.*»

Um philosopho que passou em vida por perigoso e perverso, mas que era apenas um poeta insensato, na phrase dos mais severos criticos da actualidade, Pierre Proudhon, que chegára a declarar «*que a mulher era apenas um ente passivo, que tudo recebe do homem, mesmo sua virtude e seu pudor,*» escreveu, todavia, como que cheio de remorsos, sobre ella as mais deliciosas paginas.

Inspirando-se na symbolica christã, — *aquillo que conheço, de melhor*, diz elle, *sobre tão delicada questão*, — traçou estas linhas de um dithyrambo philosophico que não posso deixar de transcrever:

« De qualquer lado que o homem a encare, a mulher é a fortaleza de sua consciencia, o esplendor de sua alma, o principio de sua felicidade, a estrella de sua vida, a flor de seu sér: « *turris eburnea, domus aurea, janua cæli, stella matutina, rosa mystica.* »

« Que poder em seus olhares! *Virgo potens.* »

« Como é deliciosa, apoiada sobre o braço de seu noivo! *Quae est ista quae ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum?* »

« Como é imponente em seu andar e radiosa! e como elle está commovido junto a ella! *Quasi aurora consurgens, pulchra est luna, electa ut sol, terribilis ut castrorum acies ordinata!* »

« Que lhe importam os elogios de seus iguaes? Só a mulher

póde honral-o e regosijal-o: *vas honorabile, causa nostrae laetitiae!*

« Somente ella póde dizer-lhe: Eu te recompensarei alem de teus limites, *ego eres merces tua magna nimis.*

« Vencido, culpado, é ainda no seio da mulher que elle encontra consolo e perdão; somente ella pode levar-lhe em conta a intenção e a boa vontade, descobrir em suas paixões motivos de desculpa, cousa que negligencia a justiça dos homens: *refugium peccatorum, consolatrix afflictorum.*

« Somente ella, emsim, na perseguição, na vingança e no odio, solicitará por elle, fará valer seu arrependimento, e suas dôres, e sua constancia: *regina martyrum, regina confessorum...*

« Nunca pude ouvir cantar essas ladaínhas sem um tremor de felicidade! *O pia! O benigna! O régina!...*»

Retractação tardia, impia talvez, porém, brilhante!

Que não venham agora apoiar-nos contra os assaltantes enfurecidos, os Castro Rebello, Constancio Alves, Villa-Vicosa, João de Britto, Cyridião Durval, Xavier Marques, e meu particular amigo o distinctissimo litterato Franco Merlinles,— essa pleiade de bardos da Athenas brazileira,— que todos indiferentes e até risonhos alguns, assistiram ao diabolico farpeamento de creaturas oppressas e inoffensivas, de cuja extrema bondade apenas nasce a feia audacia de seus detractores desapiedados e irreflectidos...

Triste sorte a nossa.

« Para alguma cousa melhor nascemos!»